

O JOELHO APRISIONADO

Estratégias Mediáticas e o "Caso Ronaldo"

Antônio Fausto Neto¹

“Agora é hora de sair de cena, deixar de ser protagonista”

Ronaldo, da Inter de Milão .

Resumo

O texto versa sobre os efeitos e limites da enunciação mediática diante da existência de uma multiplicidade de outros “regimes de discursividades”, nas as edições dos jornais Folha de São Paulo, Zero Hora, Estado de São Paulo, Jornal do Brasil, O Globo e as revistas Isto É, Veja, Época e Placar, correspondentes ao período de 12 de março a 2 de abril de 2000. O período de análise refere-se aos sucessivos episódios relativos à anunciada volta do atleta Ronaldo aos campos, o jogo onde se dá a nova contusão e o processo pós-operatório. São examinadas coberturas tendo como palco o espaço de produção de sentido jornalístico e as falas engendradas em diferentes campos: saúde, negócios, família, esporte, dentre outros. Os discursos que cercaram o objeto de formas distintas geraram contradições nos veículos analisados, pois os vários pontos de vista, nem sempre verdadeiros, acabaram publicados como tais. Conclui-se que os *media* estarão sempre prontos para operar e se fazer operar em cima do sucesso e/ou dos percalços do outro.

Palavras-chave: Futebol; Mídia; Ronaldinho

1. Notas Introdutórias

A segunda cirurgia a que se submeteu o jogador Ronaldo, da Inter de Milão, não foi apenas mais um acontecimento da rotina que caracteriza a vida de um atleta, consagrado, ou não. Tão pouco, um mero registro jornalístico reportando-se à fatos que se sucedem nos clubes quando dizem respeito à cobertura das suas atividades. É sabido que todos os dias, em meio aos preparativos para a maratona de competições, jogadores das

¹Professor Titular do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação (UNISINOS/RS) e Professor Visitante do Programa de Pós graduação em Ciência do Movimento Humano(UFSM/RS).

mais diferentes modalidades esportivas são alvo da cobertura setorial dos *media noticiosos*, que segundo regras próprias da "cultura do jornalismo", transforma os mais distintos registros - da renovação de contratos aos feitos de uma determinada partida - em "casos" endereçados aos usuários através de diferentes estratégias simbólicas.

O mundo dos *media noticiosos* opera cotidianamente, uma tarefa simples na sua rotina produtiva, mas que se torna complexa a medida que processos de produção da noticiabilidade são atravessados pela presença e ressonância de outros elementos que funcionam como elemento co-produtores da realidade posta em cena pelos processos midiáticos.

Nestas condições, a cobertura da nova contusão de Ronaldinho não se trata de um mero registro de rotina. Pelo contrário, ultrapassa as fronteiras desta na medida que diz respeito à situação de uma "personalidade mediatizada" ou, numa perspectiva já consagrada pela Teoria da Comunicação, um ente do mundo dos "olimpianos".

De uma cobertura à outra, a presença de fatores extra media - estruturadores e dinamizadores dos próprios fatos - entra em cena, relativiza a autonomia que os *media noticiosos* teriam para produzir a realidade unicamente a seu modo, impondo-se à própria tarefa de enunciação dos *media*. No "Caso Ronaldo" uma conjugação de fatores pertencentes ao âmbito de várias culturas entra em cena e opera como "condições de produção" para as estratégias que os *media* desenvolvem para dele falar. Nestes termos, seriam, de um lado, dispositivos de construção do real. Por outro, instância receptora de outros "regimes discursivos", produzidos no âmbito da própria sociedade, impondo sobre a enunciação midiática suas marcas discursivas construção de sentidos. Nestes termos, o processo de produção de sentidos não é o privilégio de um determinado campo, mas está no meio de relações e de disputas, ainda que possamos reconhecer nos media dispositivos estratégicos singulares face às suas pedagogias, e respectivos efeitos, no contexto da sociedade mediatizada em que vivemos.

Esta reflexão versa sobre os efeitos e limites da enunciação mediática, diante da existência de uma multiplicidade de outros "regimes de discursividades". E, se apoia, especificamente em alguns aspectos da cobertura de alguns jornais e revistas brasileiros a

respeito de momentos relacionados com o "Caso Ronaldo", ou seja seu retorno ao futebol, novamente interrompido pela contusão e, nova cirurgia .

O ponto de partida - ainda caracterizando um momento introdutório desta texto- resulta de uma observação quase banal entre aqueles que trabalham com a leitura dos discursos dos *media*: o acontecimento cada vez mais passa a se equivaler a enunciação em virtude da força dos operadores e marcas desta como instância de produção do real. Ao mesmo tempo, as enunciações, para além de transações de falas, migram sempre de rituais inerentes aos saberes que lhes instauram.

Estas proposições nos remetem ao "mundo dos discursos" e a força dos seus efeitos, presentes nas mais diferentes práticas socio-simbólicas das instituições, especialmente aqueles de natureza mediatizadas. No caso deste estudo, interessa entender qual é a importância desta problemática face à especificidade da "pragmática midiática"? Em que medida ela se impõe às demais práticas de sentidos, instituindo especificadores nos quais se situaria a pertinência de suas estratégias? Ou, por outro lado, não obstante seu relativo grau de autonomia dos campos sociais, o "regime discursivo" dos "media" seria refém de outros saberes estruturados através de estratégias pertencentes a outros campos? Portanto, nos limites do presente artigo, procuraremos refletir sobre: a) as relações entre enunciação mediática versus enunciações de outros campos (médico, esportivo, familiar ,etc.); b) "modos de cooperação" e de tensão entre elas, especialmente as relações *media* e o campo da medicina; c) prováveis efeitos de sentido instituídos sobre o caso, envolvendo a transação de várias e diferentes enunciações.

Explicando um pouco melhor de como se pretende ler o material de trabalho. Vamos nos apoiar em edições dos jornais FSP, ZH, ESP, JB, OG e as revistas Isto E, Veja, Época e Placar, correspondentes ao período de 12 a 2 de abril, quando se sucedem os episódios relativos à anunciada volta do atleta; o jogo onde se dá a nova contusão; e o processo pós operatório. São examinadas as coberturas, tendo como palco o espaço de produção de sentido jornalístico. Neste, operam várias falas: a jornalística como discurso articulador das demais falas, espécie de "mestre de cerimônias"; falas engendradas em diferentes campos: saúde, negócios, família, esporte, dentre outras.

O espaço dos medias noticiosos será entendido como "canteiro de obra" onde se dará a transação de várias estratégias discursivas dispostas, todavia, em torno de uma estratégia "dominante" que é acionada pelo conjunto de regras do campo jornalístico, e a partir de onde ocorre uma "grande conversação" em torno do Caso. Visto, nesta perspectiva, este "canteiro" se trata de um lugar de ação e de tensão, na medida em que os *media*, vão reger, coadjuvados por discursos outros que eles farão falar, os processos de inteligibilidades deste acontecimento.

2 O corpo-discurso de uma "personalidade mediatizada"

No período entre o seu anunciado retorno e o pós operatório, Ronaldo é o assunto dominante das editorias esportivas, mas também toma conta de outros espaços dos *media*, especialmente as primeiras páginas dos jornais e dos blocos dos telejornais. A "máquina", no interior de sua corporeidade, toma a propriedade deste corpo, transformando-o num significante que se desdobra em vários outros, regidos pelos processos de semantizações desenvolvidos pelas estratégias discursivas.

Legendas falam de uma nova **lesão**, de **novas dores** no joelho operado, do **desespero**, da **dor** e do **choro**. Alguns títulos indicam, além da dor e do desespero, a **agonia** do atleta. São sobrepostos sobre as imagens estampadas do atleta não para servir como "decoração" ao teor da dor revelado pelas imagens, mas, justamente para radicalizar a forma pela qual os *media* captam este instante singular: o "desmoronamento" de Ronaldo. Certamente, as imagens seriam suficientes para oferecer pistas de sentidos precisos sobre o drama envolvendo o jogador, na medida que seu semblante revela índices claros de um determinado momento de impasse. Porém, títulos e legendas devidamente articulados procuram impor uma determinada referência sobre o caso, a qual somente pode ser dada pelo campo dos *media*. Nada mais pode ser dito e nenhum outro campo pode falar neste instante, porque nela está o dispositivo mediatizador como lugar permanente de observação, e pronto para captura de um corpo significante que, imediatamente é transformado em corpo significado.

3. O processo de Captura

a) Anunciando o retorno

A cultura jornalística se faz discurso através de diferentes regras que vão definindo os modos através dos quais o acontecimento é tecido. De certa maneira, uma das regras desta modalidade de discurso se constitui a capacidade que tem para trabalhar o próprio acontecimento sob um aspecto antecipatório. A máquina de produzir sentido está lá a espreita do que nela pode ser processado. Nestes termos, ela entra no acontecimento (que aqui podemos chamar o retorno de Ronaldo aos campos de futebol), instituindo, a seu modo, desde logo, as condições nas quais o jogador deve engendrar as características do acontecimento. Ronaldo é devedor, diz o JB, na sua edição matutina, do dia do jogo:

"Hoje a noite, depois de quatro meses de uma dolorosa e sofrida ausência dos estádios, Ronaldo, se apresentará no Olímpico de Roma novamente com a obrigação de salvar o Inter do mais complexo e vexaminoso fracasso. A expectativa e a exigência dos torcedores do Inter (...), são a de reencontrar no Ronaldo que na Itália foi promovido a 'fenômeno', um autêntico e milagroso Super-Fenômeno. Tudo o que o Inter perdeu de modo inexplicável ao longo da temporada (...), todos esperam que Ronaldo remedeie e reconquiste durante os poucos minutos em que será autorizado pelo técnico(..) a entrar em jogo "(JB 12.4.2000).

A fala jornalística transforma o corpo do atleta e as suas mais diferentes qualidades técnicas e simbólicas, num corpo-objeto de um discurso que define, ao seu modo, as diferentes responsabilidades que o jogador deverá assumir. Partindo de uma suposta situação de escuta da doxa, infere os anseios desta e, ao mesmo tempo, visualiza e anuncia as expectativas que giram em torno da volta do atleta. Ronaldo é devedor. Só lhe resta pagar, com a moeda e as virtudes próprias de um salvador...

De certa forma as construções das edições matutinas parecem "predizer" que nem tudo estava completo na recuperação física do jogador. Não obstante o tratamento longo de 143 dias,

"atacante Ronaldo voltar a jogar hoje, pela Inter de Milão e saberá na prática, o resultado de cinco meses de tratamento no joelho."(ESP 12.4.2000)

b) A predição Setenciadora.

O discurso antecipatório desdobra-se em vários aspectos, no momento em que ele machuca novamente o joelho. As construções enunciativas operam, pelo menos as seguintes estratégias: a) a sentença através da articulação de títulos avaliativos e construídos na forma do discurso indireto; b) a sentença em cima de matérias da redação via alguns aspectos do jornalismo investigativo; e c) atribuição de declarações postas na boca de terceiros, personagens que contudo não são definidos. Assim sendo, a "máquina", do seu posto de observação, volta a vaticinar, com predições escancaradas, desde logo, nos títulos de suas edições do dia 13 de abril: **"Ronaldo vê carreira ameaçada em 7 minutos" (FSP 13.4.2000)**

"Especialista afirma que o 'Fenômeno' acabou" (ESP 14.4.2000)

"Ronaldo só não volta a jogar se não quiser" (FSP 14.4.2000)

No primeiro título, o jornal usa um dispositivo de avaliação para falar da nova contusão. Dela, no nível do título, nada informa propriamente. Pelo contrário, procura responder ao "intrigante enunciado" de edição anterior de um dos seus concorrentes, explicando, finalmente, o que na prática Ronaldo pode saber do seu retorno, em apenas sete minutos. No segundo título o jornal toma distância de uma afirmação extremamente problemática, atribuindo sua responsabilidade à figura do mundo dos especialistas. É neste momento que os *media* recorrem a outros saberes para falarem sobre aquilo que pretendem dizer, mas que não podem fazer de forma específica, em função de uma suposta ausência de competência sobre algo do corpo que eles não dominam. Na forma do discurso indireto, o jornal se faz falar por um especialista, guardando uma pretensa neutralidade sobre o teor da declaração, mas dizendo, por força da enunciação, algo da ordem de uma sentença: **Ronaldo acabou.**

O terceiro título, procura "roubar a cena" do especialista que dissera antes que o "fenômeno" acabou. Sem contradizer o que ele afirmara, o título procura se desvencilhar da dura afirmação médica, para lembrar que o retorno do atleta - "fenômeno" -, ou não - depende dele próprio. Avocando a si tal afirmação, o jornal procura também ir além da afirmação pontual do especialista.

Não se limitando apenas a sentenciar o fim do jogador, o jornal desdobra a enunciação, se contrapondo ao campo da medicina e também a um dos níveis do seu funcionamento, que é a esfera de sua titulação. Isso é o que prova ser o campo do jornal, um espaço polêmico. Polêmico pelo embate que trava com outros saberes, mas também pelas "disjunções" havidas entre as unidades que constituem os próprios elementos que fazem operar os dispositivos de semantização da "máquina". Trata-se muita vezes de uma estrutura de duplo vínculo. Vencida a operação com o "mundo externo", a enunciação jornalística se defronta com sua própria condição dual: de um lado, o título estrutura-se em torno de determinadas atribuições. De outro lado, a matéria empurra o dispositivo de enunciação para um ângulo totalmente contraditório, no qual Ronaldo, de fato, é apenas uma peça de museu...

"Nunca o título de melhor do mundo caiu tanto em descrédito. E aquele que era tido como unanimidade do esporte, Ronaldo, 23, atacante da Inter de Milão, vive um hiato cada vez mais duradoura em sua carreira. Eleito pela multinacional de material esportivo como a estrela do futuro, Ronaldo acometido por uma série de problemas físicos, está na geladeira". (FSP 16.4.2000).

A matéria desloca-se do noticiário propriamente dito e se insere num texto interpretativo que procura justificar, de maneira analítica, pronunciamentos que faz no corpo das matérias, de natureza informativa. Porém há um traço de similaridade entre uma e outra. Se no primeiro texto, o jornal afirma o fim de Ronaldo, no segundo, suaviza a sentença por uma construção metafórica, cuja leitura pode ser entendida, de maneira figurada, Ronaldo virou presunto...

Nestes termos, como terceira situação, os jornais declaram o fim do atleta, atribuindo tal avaliação as declarações postas geralmente em fontes indeterminadas:

"Os comentários sobre a volta de Ronaldinho em condições ideais são numerosos, mas sem muita certeza. O mesmo se pode dizer dos meios de divulgação europeus, jornais e emissoras de televisão. Alguns dão como praticamente encerrada a carreira do 'fenômeno' ".(ESP 14.4.2000)

4. A disputa de sentido entre os corpos de saberes

A. O debate médico

O campo médico, em primeiro lugar, e um conjunto de outros campos que lidam também com várias dimensões do corpo (fisioterapeutas, psicólogos, etc.), são mobilizados pelas regras de produção dos *media noticiosos* a entrar em cena, a fim de responder a questão sobre os motivos da nova contusão do atleta. Através de várias operações enunciativas, inserem um conjunto de declarações cujo eixo dominante se constitui colocar em oposição os procedimentos terapêuticos e fisioterapêuticos ministrados a Ronaldo por Saillant e Filé (respectivo médico que fez a primeira e segunda cirurgia e o terapeuta que cuidou da recuperação do jogador) com aqueles emitidos pelos especialistas brasileiros.

Existem posições médicas, estruturadas em torno de enunciações que: a) suspeitam sobre a competência do cirurgião francês; b) defendem os procedimentos adotados; c) estranham contusões deste tipo com atletas profissionais; e as opiniões do próprio médico francês em defesa de sua competência técnica.

"O 'Fenômeno' que levou multidões ao estádio (...), acabou. A opinião é do ortopedista Moisés Cohen, chefe do Centro de traumatologia de Esporte da Escola de Paulista de Medicina.(...) Infelizmente ele vai ser um jogador comum, porque não terá mais aquele arranque e a velocidade que sempre o caracterizaram: será um outro Ronaldinho(...) Da outra vez foi uma ruptura parcial do ligamento patelar. Desta vez, a ruptura foi total(...) Não posso comentar se houve erro ou não na cirurgia, mas lembrou que nunca havia escutado antes o nome de Gérard Saillant(...) Nenhum dos meus colegas conhecia o Saillant." (ESP 14.4.2000).

"Os médicos acreditam que pode ter havido precipitação na liberação do atleta para voltar aos gramados(...) O tempo médio para liberação de um atleta com problemas similares aos de Ronaldo é de 16 semanas (4 meses), mas as exigências que envolvem um jogador como ele podem ter precipitado a decisão médica. Ele estava visivelmente fora de forma, bem acima do peso- afirma o ortopedista João Ellera Gomes (...). O ortopedista Ivan Pacheco, especialista em trauma do Esporte, afirma que serão necessárias entre seis a meses para recuperação. Se a recuperação não for apressada por outro interesses, as chances de Ronaldo são boas" (ZH, 14.4.2000).

"O médico francês Gerard Saillant que operou o joelho direito de Ronaldinho pela segunda vez na quinta feira, rebateu ontem com irritação as especulações em torno do futuro do jogador. 'Tenho escutado muita besteira. Ninguém pode dizer, nesse

momento, que Ronaldo não voltará a jogar novamente ou, o contrário, que voltará 100%', queixou-se." (JB 15.4.2000).

"O cirurgião francês (...) que operou Ronaldo, culpou o tendão do joelho do jogador pela contusão sofrida pelo atacante da Inter de Milão e disse que não é possível garantir que o problema não se repetirá. 'Na medicina, como no amor nunca se deve dizer nunca. Vamos trabalhar para que isso não acontece de novo, mas pode acontecer', admitiu. Nenhum médico, treinador, dirigente, nenhuma pessoa honesta vai dizer que isso nunca mais vai acontecer.(...) Ninguém poderá afirmar que ele não voltará a jogar, assim como não dá para dizer que, quando voltar, estará 100%." (FSP 15.4.2000).

"O cirurgião ortopédico francês Gerard Saillant (...) fez ontem um apelo para que cessem as especulações acerca da recuperação do jogador. Ele declarou esperar que alguma personalidade brasileira do meio esportivo faça comentários favoráveis a seu trabalho para que a imprensa e alguns colegas médicos parem de critica-lo. Embora Saillant tenha se mostrado otimista com relação a recuperação do jogador, dentro de sua própria equipe há questionamentos sobre a volta do craque. (FSP)

"O problema é o mesmo que Ronaldo teve o ano passado e garanto que ele voltará a jogar. Ronaldo é jovem e vai se recuperar a tempo. Se Ronaldo não voltar a jogar, rasgo o meu diploma de médico". (JB 14.4.2000).

"Se deixar correr muito tempo entre a lesão e a cirurgia, os músculos retraem e tanto a operação como a recuperação ficam comprometidas. A decisão de operá-lo foi rapidamente acertada. Quanto mais cedo, melhor". (JB 14.6.2000).

"Essa lesão é comum entre peladeiros de fim de semana, sem condição física alguma. O caso do Ronaldo foi um acidente num tendão já operado". (JB 14.6.2000).

As construções das notícias fazem falar um conjunto de opiniões que se enfeixam em torno de várias posições: de acusações - embora veladas - e de defesas ao procedimento sobre o processo cirúrgico. São vários pontos de vista, inclusive do próprio cirurgião responsável pela operação. Em que se resumem estas opinioes: Especialista, e não qualquer médico prediz: "futebolisticamente, Ronaldinho não será o mesmo: apenas um jogador comum, caindo-lhe, assim, a condição de 'fenômeno'(...)"; A eficácia ou não da cirurgia é diretamente associada ao conhecimento que os médicos brasileiros têm do colega francês. Se ele não está na literatura médica, certamente sua competência é posta em prova. Outros

médicos se associam, de maneira neutra, à opção de Saillant em operar Ronaldinho. Outros fazem comentários fora da questão clínica, fazendo circular pontos de vista alusivos a fatores externos ao físico de Ronaldo, como causadores da contusão. Dizem que possíveis interesses outros podem ter interferido neste problema, sem contudo, explicitá-los. Também acusam, indiretamente a Saillant, quando lembram que o tempo de recuperação de Ronaldo foi insatisfatório. Ou quando acusam-no indiretamente, ao lembrar que a causa da nova contusão foi a ocorrência anterior no mesmo joelho. Também tornam misteriosa a natureza da contusão, quando lembram que ela é típica de peladeiros. De sua parte, Saillant se defende, sem, contudo, se dirigir a alvos precisos para seus ataques. Dirige-se a coletivos de pessoas (médicos, dirigentes, treinadores); faz apelo a alguma autoridade - talvez no meio da imprensa - para interferir positivamente pela qualidade do procedimento adotado, junto a opinião pública brasileira. Joga em risco sua honorabilidade, como última tentativa de dizer aos seus acusadores que é competente: “se Ronaldo não joga, joga fora o diploma de médico”. Em suma, procede-se questionamentos de parte a parte, sem que, contudo, as opiniões se explicitem claramente quanto à sua natureza e quanto aos seus destinatários. Neste momento, o jornal por força de seu dispositivo enunciatório se transforma numa arena do debate simbólico sobre o caso. Efetiva, nestes termos, suas competências de visibilidade dos acontecimentos que passam por suas disposições discursivas nas quais os atores que falam são submetidos às operações de organização da própria fala jornalística. Para além, destas tarefas, os *media noticiosos* se deslocam na esfera simbólica para condição de atores. Não só fazem falar seus convidados, mas emitem sua própria fala, sem marcas duvidosas a respeito do caso. Os *media* viram atores e, a exemplo dos médicos, parecem ter enunciadores tão importantes também no caso. Há várias maneiras dos discursos dos *media noticiosos* operarem o processo de controle do sentido.

Algumas já foram vistas, como avaliações pronunciadas nos títulos, ou em legendas, mediante construções metafóricas associadas ao tempo da destruição:

“Aos 20 minutos do segundo tempo, seis depois de pisar o gramado, seu corpo ruiu como um edifício em implosão, demolido pelo rompimento do tendão que deslocou a patela” (Época 17.4.2000).

Ou ainda através da construção de afirmações na forma do discurso indireto.

Outras estratégias consistem em contestar afirmação feita na mesma matéria por um especialistas. Vejamos os exemplos abaixo:

- a) Neste caso, onde o discurso jornalístico contesta uma afirmação antes e depois à sua emissão:

“o fisioterapeuta Nilton Petrone, o Filé, contratado pela Inter a pedido do próprio jogador, apressou-se em retocar o diagnóstico: ‘Ele jogará ainda este ano’. As profecias deste tipo fortalecem sua candidatura ao papel de vilão.” (Época, 17.4.2000)

- b) Situação em que o discurso da fonte é contestado imediatamente após sua afirmação:

“Fizemos todos os testes de esforços e clínicos, o médico o liberou, Ronaldo estava pronto para jogar”. Mas o fisioterapeuta não escapará de uma marcação cerrada. Petrone ganha fama por executar recauchutagens relâmpagos em músculos e articulações de jogadores respeitados.” (Época 17.4.2000).

Na mesma situação, temos :

“Em oito meses, ele pode estar recuperado, calcula Joaquim Gravva, médico da seleção brasileira’. No entanto, pode não ser bem assim”. (Isto é 19.4.2000).

Através de vários operadores, os *media noticiosos* definem estruturalmente suas posições face às fontes, a partir de distintas oposições: seja julgando afirmações destas; nomeando-as segundo certas valorações; ironizando a competência profissionais de especialistas; dizendo, de forma taxativa que as coisas podem acontecer de maneira distinta do que pensam os médicos.

Esta posição estrutural de contra posição e de insatisfação à postura das fontes, se agudiza no momento em que os jornais se põem em posição de conflito com as predições pronunciadas pela medicina.

Destaca-se assim outra operação enunciativa, na qual os jornais operam como um lugar de diagnóstico, opondo-se ou superando as próprias predições e comentários do ambiente médico. Os jornais abandonam posições de cooperação que têm com as fontes mediante vários processos. Por exemplo, delas, duvidando. Também quando avocam a si fazer a defesa do ponto de vista daqueles, algo paradoxal com sua posição mais dominante que é a de no presente estudo, de desqualificar ou desconhecer algumas de competências das fontes.

“Ninguém tem resposta sobre as causas dessa drama. (...) A última justificativa seria a fraqueza dos tendões do jogador". (Isto é 19.4.2000).

“Ainda é cedo, repita-se para saber como Ronaldo voltará a correr nos estádios. Mas uma coisa é certa: ‘o medo o acompanhará para sempre.(...) Pode-se enumerar na história do futebol dezenas de jogadores que, depois de operados, nunca mais foram os mesmos’".(Época, 17.4.2000).

“As perspectivas da volta de Ronaldinho aos gramados são altamente favoráveis. Em mais de 90% dos casos, a cirurgia a que o jogador se submeteu produz resultados positivos". (Veja 19.4.2000).

“ Não foi a toa que a Inter de Milão escolheu o cirurgião ortopédico francês Gérard Saillant para operar (...) Ronaldo. Embora avesso aos holofotes, Saillant é tido como o mais tarimbado especialista em tendões do mundo e, por isso, vem tendo seus serviços solicitados por celebridades”.(FSP 15.4.2000).

Temos neste aspecto da estratégia três situações específicas:

A primeira que se caracteriza pelo papel orquestrador do discurso jornalístico, autorizando as condições de fala dos seus convidados, contrapondo-os e encaixando-se às diferentes situações de conversação, cujo efeito de sentido produzido é apontar os *media* como o lugar de anunciabilidade dos fatos.

Em segundo lugar, o debate médico em torno do caso. Algo organizado pelas próprias operações enunciativas midiáticas, trazendo para praça pública algo que os médicos certamente só fazem em congressos ou em colóquios especializados.

Em terceiro lugar, os *media* evidenciando sua condição de atores ativos no processo de construção do real, instituem sua competência de falar sobre o caso, mediante operações

que em muito superam os cuidados, defensividades, hipóteses e ou idiossincrasias do campo médico, ao explicitar para onde vai se definir o futuro de Ronaldinho. Conforme dissemos acima, o trabalho de produção de sentido dos *media noticiosos* se faz com o concurso de outros discursos. Porém, a direção dos sentidos se faz, em última análise segundo este grande campo pedagógico que é a arena midiática.

Um dos efeitos didáticos de maior importância sobre esta operação enunciativa voltada para a capacidade das mídias em estruturar diagnóstico, diz respeito às duas matérias: na FSP (14.4.2000) e na Placar, na sua edição de maio. Nelas são rompidas as convenções de matérias jornalísticas e os *media* tratam de operar duas estratégias. A FSP avoca a si o trabalho de perguntas e respostas, ao mesmo tempo, sobre o caso.

- **Acabou a carreira de Ronaldo ?**
- **Clinicamente não (...) o joelho deve perder mobilidade, mas não a ponto de inviabilizar o desempenho do atleta.**
- **Então está tudo bem e Ronaldo vai voltar a brilhar ainda este ano ?**
- **Não dá para ser otimista.**
- **Ronaldo voltou a jogar antes do tempo?**
- **Seu sttaf diz que não(...). Recebeu sinal verde do seu cirurgião.**
- **A culpa é da Nike. Da Inter? Da CBF?**
- **Não interessava a ninguém que Ronaldo se machucasse logo no seu primeiro jogo oficial.**
- **O brasileiro se contundiu porque aumentou demais sua massa muscular?**
- **Pode ser que sim, pode ser que não.**
- **Esse médico que cuidou dele é confiável?**
- **A clínica comandada por Gerard Saillant tratou por exemplo de Michael Schumacher (...) (FSP. 14.2.2000)**

O jornal assume também a posição do leitor, definindo supostas questões que o mesmo faria à esfera de especialistas. Neste caso, ele próprio se coloca na posição de respondente, arrolando respostas para um conjunto de perguntas que envolvem diferentes aspectos: técnicos, médicos, financeiros, honorabilidade e, especialmente, o de vidente,

quando avalia o futuro do atleta. Este é o melhor exemplo através do qual os *media noticiosos* desenvolvem estratégias de regulação do sentido.

A revista Placar vai elaborar o caso tomando como referência aproximados procedimentos médicos. Para tanto estabelece proposições sobre a situação, o que ela chama de teorias. Assim, estabelece três teorias: "Teoria 1 – Ronaldinho tem uma fragilidade natural no joelho; Teoria 2 – Injeções abalaram o joelho de Ronaldo; e Teoria 3 – Ronaldinho voltou cedo demais." (Placar, maio-2000).

Ao mesmo tempo, com recursos de gráficos que visualizam aspectos do joelho de Ronaldo, indica: "O que pode acontecer". Ao lado das imagens, a revista sentencia, a seu modo: "Mesmo os mais otimistas não garantem que Ronaldo volte 100% nem que ele não tenha novos problemas no joelho". Não basta os médicos dizerem e, deste modo a publicação incursiona nas ventilações por conta própria.

B. O culpado é a Fisioterapia

No seu afã de buscar as causas desta nova contusão, os *media noticiosos* organizam também um segundo tipo de debate que reúne especialistas ligados às fisioterapias. Se o primeiro debate é travado diretamente entre médicos e os próprios *media*, neste, observa-se a emergência de atores de outros campos, além dos especialistas em fisioterapias esportivas. As estratégias jornalísticas ampliam o universo de fala, sem esquecer que, de maneira colateral os *media* já haviam tocado nesta questão, na medida em que, se a figura de Saillant é parcialmente poupada, a de Filé é suspeita dos novos problemas havidos com Ronaldinho.

“Zico acha que a confiança excessiva de que o Fenômeno deposita no fisioterapeuta o impediu de consultar outros especialistas (...) O Filé tem uma preocupação de recuperar Ronaldinho em tempo recorde. Isto é prejudicial, disse Zico. E já ficou comprovado que essas recuperações mágicas que o Filé faz no Ronaldinho não adiantaram nada.(JB 15.4.2000).

“O fisioterapeuta Nilton Petrone, o Filé, que acompanhou Ronaldo por todo o tempo da recuperação (...) garantiu em entrevista (...) que as etapas do trabalho físico do jogador foram feitas de maneira correta e o retorno dele a campos não foi

precipitado. Qualquer um que comentou sobre o futuro do jogador estava querendo aparecer, porque não havia base para fazer esta observação.”(ESP 14.4.2000)

"Com vinte e cinco anos de experiência de reabilitação esportiva(...), o fisioterapeuta Nivaldo Babo tem uma certeza: o estabelecimento de prazos recordes para volta de Ronaldinho aos gramados tem sido prejudicial ao jogador.(...) ‘O que posso dizer é que não concordo com muitos dos procedimentos adotados pelo Filé na recuperação de Ronaldo’, disse Nivaldo Baldo. o Filé utiliza treinamento na areia e saltos na cama elástica que eu considero completamente inaceitáveis.” (JB 14.4.2000).

"Desconfio que pressão da vaidade dos médicos e dos fisioterapeutas ansiosos para bater recordes de recuperação, tenha pesado, acredita Tostão”.(Isto É 19.4.2000).

"A gente não cometeu nenhum deslize de fazer alguma coisa que eles não tivessem conhecimento, inclusive os treinamentos. A decisão de Ronaldo voltar a jogar no dia 12 foi dos médicos. Eles disseram que não havia problema pois o joelho estava completamente cicatrizado.Os exames comprovam isso. ‘Para mim também não havia nenhuma possibilidade deste problema acontecer’, Filé.” (JB 14.4.2000).

"Ele (Filé) respondeu também as declarações de seu colega Nivaldo Baldo considerando inaceitáveis os exercícios na areia e cama plástica. ‘Essa é uma manifestação de desconhecimento, quem trabalha na areia sabe que você desenvolve não só o equilíbrio e coordenação do movimento, mas também um pouco mais de força, mas sem trauma, porque a areia não provoca nenhum trauma nas articulações’, afirmou Filé.” (ESP 16.4.2000).

As causas da nova contusão do joelho de Ronaldo estão em meio aos diversos discursos que tentam se aproximar de um núcleo explicativo: Como responsáveis são apontados operadores qualificativos como "recuperação mágica"; "prazos prejudiciais"; "procedimentos inaceitáveis". Também fatores de ordem extra médica: pressão e vaidades. Se por um lado pululam os diagnósticos que deslocam do núcleo médico para esfera da fisioterapia como causadora da contusão, por outro lado, Filé argüi outros discursos para conter o ímpeto acusatório: advoga a questão de quem tem a competência da opinar; lembra que os médicos autorizaram a volta do atleta e didatiza porque seus procedimentos fisioterapêuticos são corretos. Se os *media* promovem o segundo debate, via estilhaçamento de opiniões e de comentários, contudo, não é desta feita que conseguem chegar a uma conclusão sobre os infortúnios físicos de Ronaldinho.

C. Psicologização do Caso

Digressões anatômicas, análises dos cronogramas cumpridos pelos procedimentos fisioterapêuticos, pressões do mercado futebolístico não são apenas os aspectos em torno dos quais giraram as possíveis causas da nova contusão de Ronaldo. Tão pouco os fatores que podem contribuir pela sua recuperação. Apesar do vigor e do seu porte atlético serem fatores apontados como uma variável determinante, um outro campo foi acionado pelos *media* para prever sobre as conseqüências desta contusão sobre o atleta. Não se tratou de um recurso feito apenas a especialistas do campo psicológico, mas a diferentes falas, que em diferentes lugares se manifestaram sobre o papel e a importância de fatores, não necessariamente, fisiológicos para recuperação do atleta.

Nestes termos, os *media* buscam alcançar um “outro lado” da questão.

"A juventude está do lado do Ronaldo, mas não será suficiente para pô-lo de novo em ação. Ele tem apenas 23 anos e um excelente porte físico, mas terá de se superar, dar o melhor de si, pois o momento é muito delicado" (ESP 14.4.2000).

"Pelo menos no plano psicológico, Ronaldo já está totalmente recuperado. Esta é a constatação da psicóloga Bruna Rossi, que trabalha para Inter. Segundo Bruna, Ronaldo é uma pessoa "muito sólida e reagiu de maneira magnífica diante da contusão. Ele não tem talento apenas nas pernas. Tem um cérebro fantástico. Sua decisão de continuar a jogar é absolutamente ponderada'. Para Bruna as dificuldades (...) vão ajudar a complementar sua maneira de ser no futebol(...). Ele já aprendeu a trabalhar na dificuldade." (FSP 18 4 2000).

"Ronaldinho tem uma ótima capacidade de atuação às novas situações e acredito que não terá problemas em encarar essa fatalidade, afirma Suely Fleury, psicóloga da seleção brasileira de futebol".(Veja 19.4.2000).

"Todos nós temos de parar para pensar, porque a incidência de contusões por sobrecarga tem sido muito grande nos últimos anos. Eu vejo Ronaldinhos todo os dias no consultório. Os jovens precisam se conscientizar de que o corpo humano tem limite e não se pode ir além deste".(médico Moisés Cohen, in ESP 14.6.2000)

"A nova contusão no joelho (...) pode ter sido uma forma encontrada por Ronaldo de dizer que necessita de uma preparação melhor. A afirmação é do espanhol Pablo Jodra (..) que está participando no Rio de um seminário sobre psicologia esportiva.

Para Jogra, recuperação de uma lesão inclui necessariamente um trabalho psicológico. Se isso não é tratado, o atleta vai falhar tecnicamente ou vai sentir medo de tentar, ou se contundirá. Problemas físicos são frutos de um desequilíbrio entre o físico e o psicológico(...). Para Ronaldo falta unir esses dois trabalhos.” (FSP 18.4.2000).

Se o caso é gerado pela força dos discursos que põe na rua, nas telinhas, nas bancas de vendas e nos microfones da “indústria cultural“, também é aprisionado por uma espécie de “discurso analítico instrumental“, caracterizado por determinados modelos de diagnósticos e de terapias específicas. Nestas condições, temos várias falas que tratam de indicar os modos de lidar com o problema cujos caminhos diferem das abordagens de natureza orgânicas. Há vários autores e seus respectivos intérpretes. Na voz da doxa, interpretada pela fala de Zagalo, vê-se que a superação do impasse depende do próprio Ronaldo. Na perspectiva da psicologia esportiva, de fundo operante, os caminhos da recuperação já estão aplainados e dependem de certos atributos do próprio Ronaldo: o cérebro do atleta e sua capacidade de adaptação às novas situações. Numa outra linha, destacam-se os aconselhamentos que lembram a importância de se considerar os limites do próprio corpo, numa crítica velada ao peso dos treinamentos físicos. E a explicação da contusão, de fundo sintomatológico, ao se lembrar que o atleta machucou porque houve um desequilíbrio no processo da sua preparação á volta aos campos.

5. Os medias como Dispositivos Analíticos

Todos os discursos procuram cercar o objeto de formas distintas, buscando nexos e matrizes explicativas para suas causas e para seus desdobramentos. Devemos evidenciar um determinado tipo de operação enunciativa estrutural ao próprio campo dos *media noticiosos*. As secções especializadas se constituem num lugar onde se pratica uma espécie de um “discurso analítico“ próprio às próprias competências midiáticas, distintas, em muitos aspectos dos pontos de vistas de especialistas em questões psicológicas e comportamentais. São espaços assinados por jornalistas especializados que avocaram a si explicações sobre as causas mais profundas deste acidente, bem como traduzem, ao mesmo

tempo, as possíveis saídas que Ronaldo pode encontrar para sair deste labirinto de dificuldades.

“Não me incomodo nada com hábitos notívagos dos craques, suas preferências sexuais, seus flertes eventuais com o álcool e com as drogas. A questão, ali era a contradição entre o discurso e o gesto ou, mais que isso, a denúncia da armadilha em que Ronaldo se enredara: quanto mais dizia querer ficar em paz, mais aparecia na mídia (mesmo que fosse para dizer que queria ficar em paz). Essa armadilha segue em ação, os abutres continuam cercando o jogador em vôos cada vez mais rasantes, mas tudo isso, de certo modo, ficou pequeno num instante: o instante em que as câmeras da tv captaram todo o sofrimento concentrado no rosto de um rapaz de 23 anos. Não há joelho que aguente tamanho peso.” (Futebol. José Geraldo Couto, A imagem de Ronaldo. FSP 15.4.2000).

“Na Copa do Mundo na França, já aplicava sacos de gelo nos dois joelhos três vezes ao dia; na tarde de 12 de julho aconteceu o que ninguém esperava. Ronaldo fracassou. De lá para cá nunca mais a confiança dos campeões nunca mais o sorriso dos príncipes. Menos de três anos depois daquele umbroso fim de tarde boliviano, Ronaldo parece ter perdido seus poderes mágicos. Ronaldo sofre. Chora, padece. Mas talvez também aprenda e lute. E se supere. E vença de novo. Então, não mais como um super herói. Então, apenas como um homem.” (Fim de tarde na Bolívia, David Coimbra. Zero Hora, 13.4.2000).

“Acho que para voltar ao futebol, Ronaldo terá que se concentrar unicamente no joelho, sem pensar em mais nada a não ser, evidentemente, na família e no filho recém-nascido. Mas as demais atividades em que vive envolvido, em decorrência de sua fama, terão que ser deixadas em segundo plano ou até esquecidas. (Paulo Roberto Falcão, ZH 16.4.2000).

“Um erro grave, cometido por muitos desses atletas no mundo inteiro, é a aplicação sistemática de medicamentos para diminuir dor das contusões, e poucos admitem que essa é uma forma de doping, perigosa como as outras. A dor protege os seres humanos da auto destruição ou poderíamos sempre pular do terceiro andar para encurtar o caminho, e sair arrastando a perna quebrada por aí. Suprimir a dor é um procedimento perigoso que pode levar o atleta a agravar um problema. E nesse erro Ronaldo incorreu muitas vezes, com certeza.” (Ainda Ronaldo, Soninha. FSP. 20.4.2000).

“O adversário de Ronaldo não são os joelhos ou a musculatura desequilibrada. É a cabeça. É ela que deve ser protegida, trabalhada, apoiada quando o jogador estiver se

preparando para outra vez ficar diante da bola. Este sim será um trabalho muito mais complicado do que a cirurgia feita (...). Nunca ele precisou tanto de apoio psicológico, da ajuda de amigos, familiares, assessores e da confiança da torcida. Ronaldo deve ser protegido. (Bola Dividida, Mário Marcos de Souza. ZH, 15.4.2000).

O espaço analítico no qual se convertem as chamadas colunas esportivas trata de várias coisas, transformando-se num setting psicoterápico onde cada um dos seus responsáveis desenvolvem diferentes procedimentos analisadores da crise de Ronaldo. Por exemplo, mostram o paradoxo da visibilidade com a qual o jogador se defrontava constituir-se como insumo dos procedimentos de visibilidade dos *media* e, ao mesmo tempo ser rastreado pelas convenções da cobertura, dentre as quais aquela que se reportou ao seu novo acidente. Exortam um certo modo de vencer: não mais como um super herói, mas descendo à condição humana. Formulam espécies de receitas para a superação do momento: isolando-se, deixando e esquecendo outras atividades (?) que não são especificadas, retirando-se como um convite a um retiro espiritual longo. Refletem sobre o papel da dor, mostrando o equívoco de Ronaldo em não querer enfrentá-la, com a adoção de medicamentos perigosos. Finalmente, recomendam a que tipo de terapia mais urgente Ronaldo deve enfrentar: proteger, cuidar da cabeça.

6. Fragmentos de uma auto-crítica ?

Vale registrar que em algum momento desta cobertura, os medias noticiosos realizam, de maneira “sui generis” uma auto crítica das modalidades das coberturas trabalhas, ao mesmo tempo em que também fazem comentários sobre a “ entrada em cena “ de médicos brasileiros a respeito das avaliações que fizeram da conduta do seu colega francês, Saillant. Esta forma de apreciação sobre estas duas conduções do caso aparece na Placar em matéria assinada, cujo título já aponta para o teor da análise: “O Joelho da discórdia “.

**“O caso Ronaldinho ressuscitou , entre jornalistas,
torcedores e até autoridades médicas, um mal que
que assola a humanidade desde que o mundo é mundo:
o achismo . De uma hora para outra ,todo o mundo**

passou a “achar” alguma coisa sobre o que
aconteceu com o fenômeno. Mais que isso todo mundo se sentiu
na obrigação de achar . Acusar os médicos,a Inter,
a Nike ou a quem quer que seja de precipitação.
Isso sem que nenhum desses achistas (...) tivesse
Tivesse convívio nem íntima nem ultimamente com
Ronaldo. Ou ao menos estado presente ao estádio.
Na hora do drama.Na mesma tarde uma rede de tele
Visão anunciou(...) uma mesa-redonda especial só
Para debater o caso(...)Fiquei pensando como
Jornalista e como tele espectador, o que aquilo
Poderia acrescentar. Debater o quê? Os presentes
(..) deveriam saber tanto quanto nós (...) que
acompanhamos a sequência dos fatos diante da tv.
Mesa-redonda aquela altura sem Ronaldo ,Filé
Ou algum membro da equipe médica que o acompanhou
Não valeria de nada. O que se viu , a partir dali,
Foi uma avalanche de gente querendo aparecer ,
Dando palpites.(...) Tudo em um mesmo pacote.(...)
Como podem tantos médicos aparecerem dando seus
Diagnósticos sobre o futuro do jogador,positivos
Ou negativos, se como qualquer mecânico de
Automóveis , eles sabem que “cada caso é um
Caso” e que não é prudente ficar analisando problemas
de gente que eles nunca examinaram ? Como podem
tantos jornalistas compararem o caso dele com
os de Reinaldo, Zico e outros ? Ronaldo pode ter
sido vítima da fama, mas não foi a única. Tem

muita gente , por aí, vendendo credibilidade em
troca de cinco minutinhos dessa mesma mercadoria.

(Placar, maio. 2000).

Vários aspectos podem ser destacados desta “tomada de posição “: Em primeiro lugar é curioso que o “ato reflexivo” ocorra por parte de uma publicação esportiva , ainda que especializada. Esperar-se-ia que este procedimento viesse á tona da parte dos chamados “media de referência”. Vale resaltar ,porém, que é no espaço dos próprios media que , de certa forma, este ato de “mea culpa “se realiza.

Em segundo lugar a lembrança de que falar acerca das coisas e dos fatos , impõe não só competências, mas que isso se proceda sob determinadas condições. Neste caso, as falas devem ser sempre autorizadas por determinadas condições , o que não basta ser especialista para fazê-lo.

Em terceiro lugar, uma crítica à determinados saberes e suas formas de nomear os fatos. Não basta isso, é preciso algo mais, que neste caso seria estar presente ao próprio acontecimento. Não basta ser médico e /ou jornalista. É preciso testemunhar o acontecimento.

Em quarto lugar , uma crítica às próprias condições de produção da noticiabilidade dos fatos. Ou seja, uma crítica e uma lembrança aos limites aos processos de visibilidade promovidos pelos media, quando o mostrar não é suficiente para assegurar a autenticidade dos acontecimentos. A matéria faz uma crítica as condições de enunciação dos mundos médicos e jornalísticos, notadamente como cada uma não só “fala por conta própria” sobre os fatos, mas ao fazê-lo assim, institui os próprios fatos. Na sua “tarefa analítica” a matéria lembra os efeitos do “regime de discursividade” dos media, à qual os diferentes atores sociais estariam condenados, na medida em que as “provas de verdades” dos seus ponto-de-vista estariam diretamente condicionadas às práticas de visibilidades asseguradas pelos media : “tem muita gente ,por aí, vendendo credibilidade em troca de cinco minutinhos dessa mesma mercadoria.

Possivelmente, uma característica dominante da enunciação da matéria esteja na articulação de dois aspectos : de um lado, seu questionamento à determinadas “práticas de falas” sobre o caso. E, por outro , o estabelecimento de uma posição julgadora que se desloca , ao mesmo tempo , para uma tarefa de “aconselhamento “ dirigida aos especialistas, quando lembra que “não é prudente ficar analisando problemas de gente que não examinaram” .

7. Ronaldo e uma "fala construída"

A estratégia jornalística constroi vários co-sujeitos no nível dos enunciados por onde passa o ritual de uma dramaturgia, estruturada em torno de cenas e de falas. Nela,

Ronaldinho não é apenas um objeto dos discursos que disputam um saber mais peculiar sobre suas questões. Ele é transformado também num desses sujeitos e sua fala opera, possivelmente, como um dos arremates deste processo enunciatório no qual ele não é apenas falado e visto, mas fala e esboça os caminhos de um possível futuro.

“Um jogador símbolo jamais será vítima. O que é certo é que é preciso reformar o calendário. Mas a minha lesão não foi provocada por excessos de jogos”.(JB17.4.2000)

“As pessoas não se contentam em encarar o problema de frente e querem sempre arrumar um culpado, mas eu não vejo uma explicação técnica para minha contusão”. (ESP 23/4.2000)

“Disse da outra vez e repito novamente: o guerreiro está ferido, mas não morreu. Vou retribuir todo esse carinho que recebi. Não sei quando, mas sei que vou”. (O Globo 17.4.2000)

“Não vou desistir nunca, porque é nessas horas que os grandes homens têm de provar que são homens”. (FSP 23.4.2000)

“Voltarei quando puder. Não quero estipular prazo. Quero me recuperar com calma. Agora é hora de sair de cena, deixar de ser protagonista”(FSP 23.4.2000).

Trata-se de uma fala de um múltiplo sujeito, atravessada pelas ressonâncias de outras falas que se instituem como injunções à elaboração do próprio processo reflexivo do atleta sobre sua conjuntura. Ela apresenta as seguintes características:

- a) O jogador se vê num múltiplo lugar e em distintas posições construídas em torno de operadores como símbolo, guerreiro, grande homem;
- b) Sua percepção sobre sua contusão é contraditória. Afirme e nega ao mesmo tempo: critica o calendário de jogos, mas isenta-o pela responsabilidade da sua contusão. Critica as pessoas por desejarem encontrar uma causa, mas ocorrências não estariam no âmbito de soluções técnicas.

De certa forma estaria falando não para consumidores dos *media*, mas para aqueles com quem trava negócios e de quem depende a sua reabilitação e, tecnicamente o futuro de sua atividade: o mundo do futebol e dos especialistas que cuidam de sua saúde. Ao mesmo tempo, Ronaldinho fala de vários sentimentos, demandados ,ou não por seus

entrevistadores. Independente destes ele sabe que o sistema mediatizador está lá, e tem o que ele quer ouvir, ou o que se presta ao trabalho de anunciabilidade e visibilidade. Enquanto um personagem deste processo, possivelmente Ronaldinho conheça a fundo uma das máximas da cultura jornalística, algo que somente é sabido por seus operadores "tudo o que couber a gente publica"... Ou seja, ele sabe quais são os constrangimentos e significantes que podem ser, automaticamente acolhidos pela cultura do jornalismo, para, na sequência, serem transformados em acontecimentos, segundo determinados regimes de sentidos.

Se Ronaldo tem sua dor, desespero e agonia capturados pelos processos de produção de sentidos dos *media*, o mesmo ocorre em relação ao seu pedido de saída de cena. É, na esfera da construção dos *media* que ele anuncia sua retirada bem como sua abdicação do papel de protagonista. Haveria, para um star, outra maneira de anunciar seu enconderijo, sendo ele um insumo e um produto do sistema de visibilidade dos dispositivos de produção simbólica contemporâneos? Sua saída de cena colocaria em crise a "máquina" que dele não mais se poderia valer e se servir do seu sucesso para a construção da atualidade esportiva? Teria Ronaldo consciência da sua decisão? Estaria respondendo com este gesto aos diferentes aconselhamentos que lhes foram feitos, sugerindo-lhe, dentre outras coisas, "cuidar da sua cabeça"? Nada se sabe para além desta entrada e saída de cena monitorada pelos dispositivos mediáticos e suas respectivas estratégias e operações simbólicas. Estas questões pertencem, certamente à esfera da vida privada deste jovem-atleta. Possivelmente, devam ser questões difíceis para quem o privado/público estão intimamente mesclados e significados da perspectiva dominante dos *media*. Vale lembrar que os momentos mais domésticos desta crise, os *media* estavam lá e a família estruturando o cotidiano da recuperação sob os holofotes das câmeras e dos gravadores: "*Ronaldo reencontra família e come arroz e feijão*". (ESP 22.4.2000)

8. Concluindo

Qual é o destino deste caso? Parece que não se trata de um caso, mas de vários na medida em que o sujeito lida com diferentes questões junto as quais suas dimensões imaginárias e identitárias pelem e se estruturam. Sobre estes somente outros lugares interpretativos poderão responder. Mas, se tratando dos enquadramentos dos *media* pode-se

supor que estes estarão sempre prontos para operar e se fazer operar em cima do sucesso e/ou dos percalços do outro. Sempre mobilizarão, na forma de discursos retomados, saberes outros, na forma de falas, para caucionar seus modos de dizer e de produzir sentidos. Nestes termos, Ronaldo possivelmente, nunca escapará dos dispositivos de produção midiáticas, cujos enunciados se engendram em enunciações povoadas por este "cintilar" de imaginários. É possível uma personalidade mediática ser autorizada a sair de cena, ser de fato esquecida? Ficar longe dos *media*? Algo, para Ronaldo parece sintomático, da ordem da repetição. É na esfera da visibilidade dos *media* que ele anuncia trajetórias de sua recuperação, pontuando seu retorno ao Brasil, passeando, diante de câmeras, pelo Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro.

Não basta pedir para sair de cena, pois outras cenas serão instituídas pelos dispositivos midiáticos: cenas que fazendo parte de uma determinada lógica, recuperam, quem sabe, o momento do privado e que são publicizadas segundo regras da cultura (privada) dos *media noticiosos*. Estaria Ronaldo, voluntariamente, ou não, condenado à predição emitida pelo próprio discurso mediático: "*Agora virão (...) outras dúvidas sobre curas e terapias. É o destino do Cristo do Corcovado, o de estar sempre sob os holofotes*" (fragmento de citação da edição de La Republica, Roma - 13.4.2000 na FSP - 14.4.2000).

É difícil para a análise dos discursos responder a questão, pois o trabalho da leitura opera sempre em cima de materiais enunciados em mensagens socialmente, posicionadas. Mas, Ronaldinho, no auge da dor, soltou uma frase enigmática, com marcas que podem, certamente se constituir numa pista para as futuras análises que vão se debruçar sobre seu retorno, um dia: "*Sobre minha maneira de ver o futebol não mudarei. Vejo o futebol de maneira alegre*".

9 Bibliografia

ARCHETTI EDUARDO P- El portero y el pibe- Território y Pertenencia en el imaginário del fútbol argentino Revista NuevaSociedade.n. 154. Caracas. 1998

ALABARCES Pablo – De qué hablamos cuando hablamos de Deporte? Nueva Sociedad.n.154.Caracas. 1998.

FAUSTO NETO Antonio- Comunicação & Mídia Impressa. Estudo sobre a AIDS.Ed. Hackers. SP. 1999.

BOURDIEU Pierre – La rhétorique de la figure.(in) Un Art Moyen-essay sur les usages sociaux de la Photographie. Ed. Minuit. Paris.1965

BRITTO LUIZ PERCIVAL- O “Relatório Pinotti” e a doença de Tancredo. Medicina e Discurso. Ed. Papirus . SP 1998.

FABBRI Paolo - Tácticas de los Signos- Ed. Gerdisa. Barcelona. Ed.Gerdisa 1995.

VERON Eliseo - Efectos de Agenda. Ed. Gerdisa. Barcelona, 1999

VERON Eliseo- Construir el acontecimiento –Ed. Gerdisa, Barcelona. 1995.

VERON Eliseo – Esquema para el análisis de la Médiatización- Ver. Diálogos n. 48, Lima. 1997

Email - fausto@ícaro.unisinos.br